

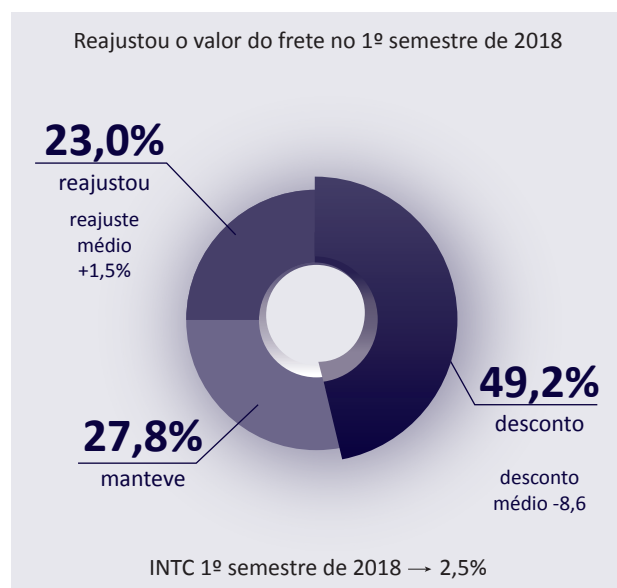
PESQUISA DE MERCADO

O Mercado de TRC no 1º Semestre de 2018

Por Eng. Antonio Lauro Valdivia Neto

A última pesquisa da NTC junto com a ANTT mostra que o transporte rodoviário de carga (TRC) não conseguiu sair da crise no primeiro semestre de 2018 e que a recuperação do valor do frete rodoviário de carga continua sendo o maior problema a ser enfrentado pelo setor. Nos últimos anos, através do CONET, noticiou-se a constatação de que as empresas que operam no setor trabalham com fretes abaixo dos custos apurados pela NTC e com margens insuficientes para bancar a complexidade das suas operações, os investimentos necessários e os riscos envolvidos de forma a garantir o seu futuro e as necessidades impostas pelo mercado. Esta situação compromete, no curto e médio prazos, o atendimento das demandas da sociedade.

- Os percentuais de repasse dos custos aos fretes, por pressões do mercado, foram, em muitos casos inferiores aos valores solicitados;
- Os custos das empresas continuam subindo (combustível, salários, pneus, veículos, etc), inclusive em função de perdas na produtividade, devido a fatores como restrições à circulação nos grandes centros, barreiras fiscais, burocracia e ações nos terminais das empresas embarcadoras, dentre outros.

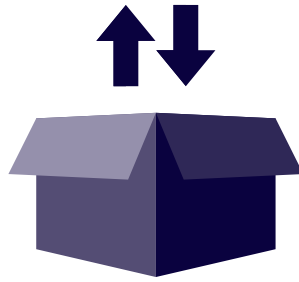


DEFASAGEM	
Transporte Rodoviário de Carga	
17,22%	
Fracionada	Lotação
9,61%	19,33%

A consequência desta situação pode ser vista nos demais números apresentados pela pesquisa, que aponta uma defasagem média no frete de 17,22%, sendo de 9,61% nas operações com cargas fracionadas e de 19,33% nas com cargas lotações. Estes percentuais demonstram que a situação continua grave e preocupante, levando-se em conta que a comparação é feita com valores que não contemplam a maioria dos impostos e a margem de lucro.

Nota-se, neste período, que uma parte do mercado compreendeu as dificuldades por que passa o setor. Contudo, nota-se que ainda são poucas as transportadoras (só 23,0%) que conseguiram reajustar o frete, e ainda assim aquém do necessário. Prova disto é que o reajuste médio foi de 1,5%, valor insuficiente para cobrir a inflação no período que foi de 2,5% segundo o INCT da NTC. Ou seja, ainda não se vislumbrou no setor a necessária recuperação do valor do frete, pois:

71,1%	não cobram	FRETE VALOR
77,8%		GRIS
95,5%		EMEX



Outro dado que chama a atenção é a falta do recebimento dos demais componentes tarifários: só 29,8% recebem frete-valor e 22,2% o GRIS. Verifica-se ainda que o mercado, em geral, não remunera adequadamente o transportador com relação a custos e serviços adicionais, não contemplados nas tarifas normais.

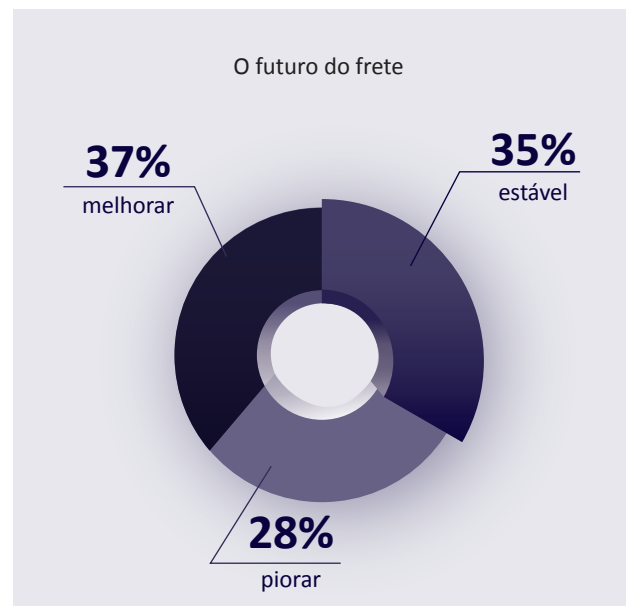
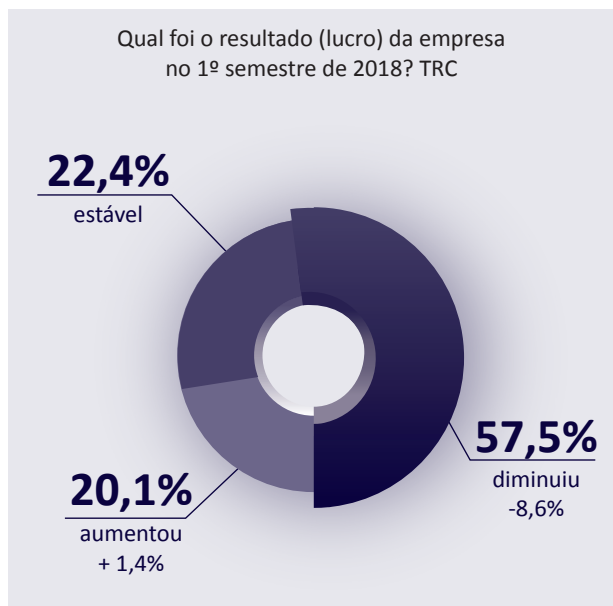
Enquadram-se nesta categoria: a cubagem da carga, o elevado nível de roubos em algumas regiões brasileiras (EMEX), serviços de paletização e guarda/permanência de mercadorias, uso de escoltas e planos de gerenciamento de risco customizados, uso de veículos dedicados, dentre outros. É importante observar que muitas vezes os custos com esses serviços são superiores ao próprio frete peso.

Outro ponto destacado na pesquisa e que contribui para a situação difícil por que passa o setor é o nível de atraso no recebimento do frete: 50,4% das empresas disseram que

não estão recebendo o frete dentro do prazo estabelecido, comprometendo 13,5% do seu faturamento, o que aumenta o volume necessário e o custo com o capital de giro.

Como fruto desta situação, 52,5% das empresas afirmam que o primeiro semestre do ano foi pior que o ano de 2017, e 57,5% viram seu lucro diminuir em média 8,4%. A consequência disso tudo pode ser resumida no seguinte número: 41,1% afirmam não estarem conseguindo honrar o recolhimento dos impostos devidos.

Mas, pelo menos, os números mostram que a situação vem melhorando, mesmo estando muito longe da ideal. E, a expectativa em relação ao futuro também progrediu. Os que achavam que o frete iria melhorar em janeiro de 2016 estavam na casa dos 5,4%; agora em julho de 2018 já alcançam 36,6%. Já os que achavam que ele iria piorar caíram de 54% para 28%.



A única conclusão a que se chega é que, enquanto as empresas do setor não aprenderem a cobrar de forma adequada e mais justa pelo serviço que prestam, esta situação incômoda, que pode-se considerar histórica, não deve melhorar.